



BLUMENAU

em **CADERNOS**

Abril 1983

N. 4

TOMO XXIV

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de:

Artur Fouquet - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
Joalheria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIV

Abril de 1983

Nº. 4

SUMÁRIO

Página

Imigração e Colonização	82
Autores Catarinenses	86
Curiosidades de uma Época — XXI	87
História Romanceada de Hermann Bruno Otto Blumenau	83
Conselho Municipal de Cultura elegeu nova diretoria para 83/84..	95
O escritor Valfrido Pilotto chega aos oitenta anos ..	96
Aconteceu.....	97
O Rio Itajaí, Blumenau e as enchentes!	102
No Museu uma telha fabricada há 122 anos ..	105
Cartas à Fundação "Casa Dr. Blumenau"	106
O Peão Negro	107

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 1.000,00

Número avulso Cr\$ 150,00 -- Atrasado Cr\$ 200,00

Assinaturas p/ o exterior Cr\$ 1.000,00 mais o porte Cr\$ 1.000,00 total Cr\$ 2.000,00

Alameda Duque de Caxias, 61 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

Imigração e colonização:

Braços estrangeiros para o progresso de Brusque e Guabiruba

(PALESTRA PROFERIDA PELA PROFESSORA MARIA DO CARMO RAMOS KRIEGER GOULART em 8 de março de 1982, no Colégio Cecenista Prof. Carlos Boos, município de Guabiruba).

O Brasil, devido à vasta extensão territorial, cedo sentiu a necessidade de braços para suas atividades agrícolas. Inicialmente o português, que tomou posse da terra, capturou índios para essas atividades. Como, porém, a colaboração indígena não deu certo, o colonizador recorreu à mão-de-obra negra. Levas de africanos foram introduzidas no país, chegando a 1.5 milhão deles em 1872, conforme registro demográfico da época.

O escravo correspondeu à expectativa de trabalho pesado. fez-se presente nos canaviais, nas lavouras cafeeiras e nas regiões algodoeiras.

Apesar de eficiente como trabalhador braçal, a partir de 1826 ele não pode ser mais recrutado pelos mercadores escravos brasileiros, em virtude do tratado que o Brasil celebrou com a Inglaterra, o qual determinava a extinção do comércio negreiro. Assim, e porque a necessidade de mão-de-obra no país era muito grande, nosso governo decidiu seguir o exemplo da América do Norte, incrementando uma corrente espontânea de imigração européia.

Já em 1812 algumas colônias de imigrantes haviam-se instalado em diversas províncias brasileiras, por iniciativa do governo imperial. No entanto elas não contavam com uma base econômica que garantisse sua sobrevivência. Chegando à nova terra, os imigrantes recebiam alguma soma para as primeiras despesas (de transporte, de equipamentos para o trabalho na terra e para alimentação) e depois ficavam entregues à própria sorte. Logo eles passaram a sobreviver graças à agricultura de subsistência que praticavam.

O início de imigração para Santa Catarina.

Em 1829 surgiu o primeiro núcleo estrangeiro em Santa Catarina, constituído por alemães que se instalaram no município de São José, à esquerda do rio Maroim. Desse núcleo surgiu São Pedro de Alcântara, que teve o nome em homenagem ao Imperador. Desdobrada essa colônia, parte das 166 famílias que por ali haviam-se instalado foram deslocadas para o planalto.

Inúmeros fatores contribuíram para o desânimo dos imigrantes que tinham se instalado em Santa Catarina: a diferença de clima em

relação ao europeu, o relevo acidentado das terras que lhes foram entregues, o abandono em que o governo os deixou, resultando num lento crescimento das colônias ou em sua extinção. Apesar disto, novas turmas de colonos buscavam em nosso Estado a oportunidade que lhes era oferecida, de trabalho e de uma nova vida.

A Colônia Itajahy.

1860. Três núcleos coloniais surgiram nesse ano: Teresópolis, Angelina e Itajahy — ou Brusque —, como se chamou mais tarde.

A Colônia Itajahy foi criada pelo Aviso Imperial de 10 de novembro de 1859 e a 4 de agosto do ano seguinte chegavam às margens do rio Itajaí-Mirim, na localidade Vicente Só, os 10 primeiros imigrantes, com suas respectivas famílias, a fim de ocuparem a área de quatro léguas quadradas que lhes havia sido destinada para instalação de uma Colônia.

Acomodados em ranchos construídos de palmitos, iniciaram a derrubada de matas para abrir espaço destinado às casas de moradia e à plantação.

No dia 19 de agosto, outros 139 colonos juntaram-se a eles e durante os seis primeiros meses todos receberam ajuda de custo na forma de alguns gêneros alimentícios (exceto farinha de trigo, cedida unicamente às famílias com algum membro doente e às com crianças) e duas velas por dia, para cada família.

O município recebeu, além de alemães, colonos italianos e poloneses.

Desmembrado do município de Brusque, iria surgir um município em franco desenvolvimento, que tem como atividade econômica básica a agricultura e a pecuária: GUABIRUBA.

Assim, Brusque e Guabiruba possuem nas mesmas bases, fundamentos comuns à sua história; por isso explica-se a proximidade natural que os dois municípios têm, baseados, no trabalho afeiçoado daqueles colonos alemães. Esses colonos acabaram isolados em seus núcleos, pois não conseguiram do governo o cumprimento das promessas de apoio ao desenvolvimento da Colônia. Não puderam contar sequer com professor brasileiro (que, naturalmente conhecesse o idioma alemão), para ensinar às crianças louras de olhos azuis a língua portuguesa e os costumes da nova terra. Em consequência disto, é lógico que, fechados em seu meio, conservassem suas tradições religiosas, culturais e sociais e que por muitos anos os colonizadores dominassem unicamente a língua alemã).

Em todas as cidades catarinenses de origem germânica, diversos costumes passaram a fazer parte da vida da comunidade e existem até os dias atuais: as associações de canto coral, as bandas de música, os serões culturais (principalmente antes do advento da tv), as festas de igreja e de escola — com barracas diversas e ricas prendas de bordados manuais —, a paixão por jardins floridos, pela valsa, pela polca e... pelo chope. A festa de Páscoa com ovos cozidos coloridos e cascas de ovos pintadas e recheadas com amêndoas, a tradição do pinhei-

ro de Natal com as bolachas de mel ou trigo e manteiga, em formatos diversos (bota, pinheiro, estrela) cobertas com glacê de açúcar e enfeitadas com confeitos coloridos — tudo isso é herança germânica, como o mussi de frutas, a cuca coberta de farofa doce, queijinho, a nata, a mesa farta, enfim, e o amor ao trabalho.

Há muito que se falar sobre a imigração alemã, tão viva e presente ainda em **Guabiruba** — terra cheia de tradições germânicas.

Mas vejamos agora alguns aspectos da **imigração polonesa**.

A presença do imigrante polonês em Guabiruba

Em fins do século XVIII, a Polônia atravessava uma fase difícil, com problemas econômicos e sociais advindos da ocupação de seu território pela Prússia, Rússia e Áustria.

Obrigados a deixar sua Pátria, os poloneses enfrentariam um outro problema, devido à perseguição havida: o de sua localização. O destino, num futuro incerto e ignorado, os levava à procura de uma melhor situação.

O Brasil se avistava como um sonho, na forma de terra prometida. Não era para menos: o governo oferecia inúmeras vantagens, entre as quais o direito à áreas de terra. Os agentes de colonização se engarregavam de alienar os interessados em virem para cá, atraindo-os a um futuro que se apresentava promissor.

Mas ao contrário da maioria dos imigrantes alemães e italianos que aqui chegavam e que eram destinados à regiões previamente determinadas para eles, os poloneses não tinham região indicada especificamente para seu estabelecimento. Isto só viria a acontecer anos mais tarde — por volta de 1920 —, após iniciar-se a imigração em massa, ou seja, depois da febre da imigração.

Quando, então, levas expressivas seriam encaminhadas notadamente ao Rio Grande do Sul e ao Paraná.

Os primeiros imigrantes poloneses vieram de uma região da Alta Silésia, nome aplicado, antes da Guerra, à divisões administrativas do território alemão, que, hoje em dia, designam as regiões geográficas de alta e baixa Silésia.

Em épocas distantes, outras famílias imigraram para Santa Catarina, procedentes de Lódz. As levas não foram significativas, mas marcaram o início de uma epopéia: a da **imigração polonesa**

Se, por um lado o Distrito Industrial da Alta Silésia detém na atualidade, 10% da população da Polônia sendo a parte mais urbanizada do país, por outro, Lódz, com seus 835.700 habitantes também figura como um dos mais importantes distritos industriais poloneses, significando regiões desenvolvidas da Polônia, no presente ano (dados divulgados pela Embaixada da República Popular da Polônia, em Brasília.)

Quanto às levas de 1869, das quais se originaram os primeiros filhos de imigrantes nascidos no Brasil e instaladas na então Colônia Príncipe D. Pedro —, pouco abordaremos aqui, uma vez que o fato realmente interessante para nós é a segunda fase da imigração polonesa

para a Colônia Itajahy, ocorrida por volta de 1889 (vinte e um anos portanto, após terem chegado as primeiras famílias polonesas), e encaminhadas à linha de Guabiruba do Norte, 1ª. seção do Distrito de Gaspar, território da então Colônia Itajahy — hoje, e desde 1890 —, Brusque.

Tais imigrantes dedicaram-se a uma atividade pioneira: a indústria têxtil.

A iniciativa da pequena indústria de tecelagem que os imigrantes iriam desenvolver, está ligada à chegada de tecelões provenientes de Lódz. A imigração do pessoal foi proveniente da crise no setor que a cidade industrial de Lódz sofreu naquela época.

E se na Polônia os acontecimentos forçavam à imigração, a chegada desses imigrantes no Brasil se transformou no sucesso das instalações das primeiras indústrias têxteis, principalmente no sul do país, onde, em Brusque, o sucesso está intimamente ligado à presença do imigrante polonês sediado em Guabiruba, à época pertencente à Brusque.

O território que hoje abriga tantas indústrias e empresta sua valiosa colaboração para o desenvolvimento econômico de uma região, é digno de nosso reconhecimento e homenagem, ressaltando-se que a área agrícola compreende um setor em expansão, onde a fumi-cultura encontra seu maior produto, ao lado de outras produções expressivas que colocam Guabiruba entre as prósperas cidades do Vale do Itajaí-Mirim, produção esta que também encontra suas raízes na imigração polonesa. Há que se ressaltar a participação desse elemento na história do povo — tão forte quanto aquele e do qual herdou a tradição religiosa que encontra na Cruz seu maior símbolo de fé.

Guabiruba e Brusque — tão interligadas pela presença do imigrante polonês em seus lotes, tão comuns na acolhida fria e imparcial àqueles elementos aqui chegados sabe Deus como quê e com quantos sacrifícios; tão diferentes e distantes da Pátria Polônia, haveriam hoje de lembrar com carinho daquele elemento que foi participante, atuante e deu, com seu trabalho e dedicação, muito do progresso que hoje as duas cidades desfrutam.

O povo já volve seu interesse pelo imigrante polonês, o qual com o italiano e o alemão, completa o triângulo principal da imigração européia para esta região.

E a vocês, jovens de hoje, é necessário um incentivo maior no que diz respeito ao passado de Guabiruba, rebuscando a sua memória. Memória feita de fatos, depoimentos, pesquisas, entrevistas junto ao pessoal descendente de imigrantes poloneses, para se poder registrar como tudo aconteceu e não perder, ao, longo dos anos, o que o tempo apaga e deixa no esquecimento.

Talvez seja das poucas lembranças a serem feitas em homenagem ao imigrante polonês — marco importante na história da colonização.

VOCE SABIA — Que o primeiro jubileu de prata da então Colônia de Blumenau foi festejado no dia 28 de agosto de 1877?

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

POEMAS DE LUÍS DELFINO

Mais de uma vez tenho procurado ressaltar o trabalho que os críticos Lauro Junkes e Nereu Corrêa vêm elaborando pela literatura de Santa Catarina. É claro que houve e há outros, alguns de grande conhecimento e acuidade, signatários de obras consideráveis. Mas o que caracteriza a produção dos referidos é o desejo, planejado, intencional, de elaborar e organizar um trabalho que permita a visão ampla das nossas letras, seja analisando sistematicamente o que se produz no Estado, seja resgatando produções esparsas de jornais e revistas antigas ou de livros esgotados e inacessíveis.

Para Junkes credita-se o levantamento da vida e da obra de José Elisiário da Silva Quintanilha, um dos bons poetas esquecidos, a análise metódica e tão completa quanto possível da nossa poesia ("A presença da poesia em Santa Catarina") e uma visão crítica de quanto se produziu, em prosa e verso, nos últimos tempos ("O leão faminto"). Para Nereu devemos um conjunto de bons ensaios, quase todos abordando gente do Estado ("A tapeçaria linguística de Os Sertões e outros estudos") e a pesquisa a respeito da passagem de Paulo Setúbal por Santa Catarina e a eventual influência dela em sua obra ("Paulo Setúbal em Santa Catarina"). Sem falar na presença constante de ambos na imprensa, comentando, passo a passo, tudo que vai pingando da pena de poetas e prosadores.

Neste início de ano veio a público mais uma contribuição de Nereu Corrêa. Refiro-me ao livro "Poemas Escolhidos", de Luís Delfino (Edição da Fundação Catarinense de Cultura — Florianópolis — 1983), com seleção e introdução do acatado ensaísta conterrâneo.

Trata-se de uma coletânea reunindo cerca de 130 poemas, em sua maioria sonetos, desse poeta refinado e sensível, de produção copiosa e só após a morte reunida em livros, ainda que apenas em parte. Num trabalho exaustivo e criterioso, Nereu Corrêa palmilhou essa obra, relendo, comparando, interpretando, selecionando. O resultado é este volume que fornece uma panorâmica do poeta que chegou a ser o mais popular do país e que hoje é quase desconhecido, inclusive nos meios universitários. "A publicação desta coletânea — escreveu o organizador — talvez venha despertar a atenção dos estudos da literatura para um poeta tão pouco conhecido dos críticos e do público que ainda cultiva o gosto da poesia".

Merece um comentário o excelente ensaio "O universo lírico de Luís Delfino" que o organizador escreveu à guisa de introdução. Os ensaios de Nereu Corrêa são modelares e deste, em especial, Luís Delfino dos Santos (1834/1910) sai retratado com a segurança e a técnica de um ensaísta que é senhor do gênero.

Desde a síntese biográfica, que incluiu até mesmo certas facetas curiosas da personalidade do poeta, como a sua mania de mudar de residência, a ênfase com que negava sua condição de poeta, o seu gosto pelas roupas e pelos perfumes, nada escapou nesse exame. A fecundidade com que produziu, as opiniões críticas pró e contra, sua posição no quadro das escolas, o artesanato, a constante presença do sol (uma "poesia solar"), o amor, as particularidades do universo lírico desse cantor que, segundo Agripino Grieco, "exerceu uma espécie de mandarinato literário, chefiando a família parnasiana" e que "dava a mão a apertar os discípulos como se a desse a beijar."

Eis aí um livro que mostra bem o poeta e sua obra e que contribui para que as nossas letras possam ser vistas de horizontes mais largos.

CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA — XXI

Capitão Euclides de Castro, vulgo "Canudinho"

S. C. Wahle

Quando Adolfo Konder foi eleito governador de Santa Catarina, nomeou para Blumenau, como Delegado de Polícia, o Capitão Euclides, carinhosamente apelidado por Canudinho. Não sei de onde veio esse apelido. Com o advento da era getuliana em 1930, a deposição de Adolfo Konder e a nomeação de um interventor para o Estado de Santa Catarina em 1930, também o Capitão Euclides fora transferido. Entretanto, pouco tempo depois, aposentou-se e voltou a residir definitivamente em Blumenau.

Capitão Euclides foi um excelente filho adotivo de Blumenau. Aposentado, passou a olhar os interesses de Victor Konder, que tinha retornado do exílio. Era preciso tê-lo conhecido de perto para uma avaliação da grandeza de espírito do Capitão Euclides.

Durante sua gestão como Delegado de Polícia, muito deu-se o que falar, mas também, muito se riu. De família humilde e pouca instrução, conseguiu, às custas de muitos esforços, galgar os degraus da então Polícia Militar de Santa Catarina. A primitividade da polícia da época era conhecida, e o Capitão Euclides, com rara habilidade, conseguia levar as coisas, sem torná-las piores. Certa ocasião, num jogo de futebol entre o Brasil FC e o Caxias FC de Joinville, as coisas ficaram muito sérias. Havia em Blumenau um cidadão uruguaio, cujas atividades não eram bem claras. Este cidadão, muito dado ao jogo e apostas, alterou-se fora do comum e provocou atritos até se

VOCÊ SABIA — Que o Colégio Franciscano Santo Antônio, de Blumenau, foi fundado no dia 12 de junho de 1877 e que, portanto, no dia 12 de junho de 1977 festejou com expressivas solenidades seu primeiro centenário?

chegar a uma luta corporal. O Capitão Euclides, com os seus praças, tomaram medidas enérgicas, chegando a haver um tiroteio, no qual o uruguaio levou a pior. Ferido à bala, foi hospitalizado em um dos hospitais de Blumenau, de onde alguns dias mais tarde se evadiu. Esta fuga não alterou o permanente sorriso do Capitão Euclides; pelo contrário, achava que assim estava com um processo a menos para cuidar.

Entretanto, seja dito de passagem, o Capitão Euclides não era medroso e conhecia todos os problemas de Blumenau, procurando, enquanto que nada de sério viesse a criar caso, esquecer-se dos casos corriqueiros.

Lembro-me aos 13 anos de idade, quando já guiava o carro Ford 1927 de meu pai, às escondidas das autoridades, porém com a anuência paterna, apareceu um dia o Capitão Euclides na loja de meu pai para entregar uma licença provisória que permitia que eu dirigisse o carro para apanhar correspondência no correio.

Quando já aposentado, aparecia diariamente no escritório de meu pai para se utilizar da máquina de escrever, na qual escrevia o seu relatório a Victor Konder. Tinha uma boa redação e um vernáculo bem fluente e correto. Apesar de somente escrever com dois dedos (picando milho), era bastante rápido no uso das teclas. O que me impressionava nele era o esmero na colocação dos pronomes.

Era, sem dúvida, uma criatura muito interessante e, quando se referia a Blumenau, costumava dizer: “Aqui eu me sinto em casa”.

HISTÓRIA ROMANCEADA DE HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU, NA ALEMANHA

— De farmacêutico a colonizador —

2º VOLUME

Nemésio Heusi

(Continuação do número anterior)

Fritz ironizando passou a mão pelo braço de Blumenau e abraçando-o carinhosamente:

— Então meu jovem e sonhador colonizador, desde já te cumprimento pela extraordinária colônia alemã que implantarás no Brasil. Meus parabéns. Trommsdorf completou:

— E eu também, pelo menos, são os meus mais ardentes votos de amigo e alemão!

Em pouco se separam de Fritz, enquanto, Trommsdorf e Blumenau, seguiram ao escritório para o acerto de contas final entre eles como sócios.

II

No escritório, depois de um longo silêncio, Trommsdorf, perguntou com voz pausada e fisionomia triste:

— Então, Blumenau? É definitiva a dissolução de nossa sociedade?

— Infelizmente, meu bom e querido amigo, é definitiva pelos motivos que já te expus.

— Quer dizer que a tua colonização é um fato consumado?

— Como já te disse, vou tirar dois cursos, Filosofia e Botânica, e logo depois preparar-me para seguir ao Brasil.

— Temos portanto uns quatro anos ainda, não é mesmo, Blumenau?

— Mais ou menos.

— Sairás da nossa firma com algum dinheiro, amanhã as contas estarão prontas e o distrato também, o dinheiro não dará para te sustentares nestes quatro anos, Blumenau!

— Bem sei, bem sei meu caro Trommsdorf. Mas... trabalharei em farmácia e escreverei para me defender e poder estudar ao mesmo tempo.

— Se é assim! Então vamos ao nossos acertos comerciais.

— Meu caro Trommsdorf, a falta de dinheiro não é problema por que em se trabalhando ele aparecerá, pior é o que vou enfrentar muito breve: o encontro com a minha família em Hasselfelde, onde vou expor meus planos colonizadores, este é sem dúvida o meu maior problema.

— Ora Blumenau! Podes esperar até amadurecer mais teus planos e depois falar com os teus!

— Para mim já está maduro e vou me livrar logo deste problema para depois me dedicar aos estudos sem este assunto na cabeça.

— Será que teus pais vão dar o contra?

— Que pergunta meu amigo! Lógico e evidente que não só o contra como fazer tudo para me demover deste propósito, meu caro.

— E teus irmãos ou irmãs?

— Bem meu mano Karl, este não mora mais em Hasselfelde; Julios está casado e é magistrado-mor e proprietário rural em Nieppen, estes dois não me preocupam; Auguste esta, está casada e não se mete; Anes é casada com o arquiteto-mor o sr. Götter e vive em Brunswick, apesar de gostar muito de mim vai me apoiar, o marido dela é um sujeito formidável, e, o pior é mamãe e Emilie...

— Ela está casada?

— Sim. Casou com o magistrado distrital de nome pomposo: Johann Friedrich Ernest Gartner, ótimo camarada e tem dois filhos maravilhosos que eu gosto imenso.

— E o velho Blumenau?

— Dureza... dureza ter de enfrentá-lo, meu caro Trommsdorf, é por isso que quero resolver este problema logo para depois estudar e concluir meus planos colonizadores com calma e toda segurança.

— Eu acho que você está certo. Quando embarcas?

— Talvez ainda esta semana, o mais rápido possível.

O difícil encontro com a Família

I

Hasselfelde, pequena cidade do Harz, o belo maciço cristalino da Alemanha, entre o Leine e o Saale, tendo como ponto culminante o Brocken com seus 1.142 metros de altitude e lendário por suas bruxarias com sua noite célebre de Walpurges.

Era nesta mais setentrional das serras alemãs, situaãa a 450 metros de altitude e apenas 20 quilômetros do Brocken, coberta de plantações de batatas, campos de cereais e lindos prados rodeados de maravilhosas florestas de faias e abetos, num clima frio e inclemente que moravam os pais de Blumenau e aonde ele iria para um encontro, talvez, o mais importante de toda sua vida, já que iria fixar os rumos definitivos de sua vida e de seu futuro.

Devidamente preparado Blumenau chega a Hasselfelde num sábado à tarde e, imediatamente, combinou com sua mãe um encontro com toda família no domingo seguinte logo após o almoço, comemorativo de sua chegada, já que por longo tempo esteve ausente do lar paterno e o convívio de todos os seus de quem muito estimava e gostava.

Foi festiva sua chegada já que se revestira de surpresa e ninguém podia imaginar vê-lo novamente entre os seus depois de uma longa ausência. Estavam em casa somente sua mãe e sua irmã Emilie, que visitava sua mãe com os dois filhos, Reinhold e Vitor. Blumenau depois dos abraços foi logo ao assunto para preparar as duas, que ele queria fossem as primeiras a saber de seus planos e tê-las como suas aliadas quando tivesse que enfrentar seu velho pai.

— Mamãe e Emilie, ouçam bem, com muita atenção o que lhes tenho a dizer. Foi bom encontrá-las antes dos demais parentes e meu pai, porque espero contar com o apoio de vocês quando da reunião amanhã com toda família.

— Mas o que é tão importante assim, meu homenzinho?

— Mamãe e Emilie, vou direto ao assunto: eu vou ser colonizador e será no Brasil, um grande país na América do Sul...

— Co...lo...ni...zador, mas o que vem a ser isto, Blumenau?

— Daqui a pouco você saberá o que é Emilie...

— É longe este país, meu homenzinho?...

— Bem longe mamãe, mas é um país de grande futuro.

— Explica meu filho, melhor tudo para nós compreendermos bem, eu estou tonta e confusa, meu homenzinho!

Blumenau, calmamente, deu todas as explicações possíveis e notou que as duas começaram a se interessar pelo assunto, enquanto Vitor e Reinhold se prontificaram a embarcar junto com o tio.

— Tio? Eu vou junto com o senhor — dizia Reinhold todo entusiasmado e convicto de sua pronta e precipitada decisão — Mamãe me deixa ir com o tio, não é mamãe?

— Cala o boca, deixa de bobagens Reinhold!

— Mãe não é só o Reinhold que vai não, também quero ir com meu tio Blumenau, mãe!

— Cala a boca Vitor, e nada de bobagens de acompanhar teu tio.

Blumenau ficou satisfeito com a pronta decisão de seus sobrinhos e carinhosamente respondeu:

— Vocês dois irão comigo e terão cargos importantes na minha Colônia lá no Brasil, desde já lhes asseguro, meus queridos sobrinhos.

— Blu...me...nau! Não vira a cabeça dos rapazes antes de falar com o pai deles, toma cuidado se queres que eu seja, como mãe deles, tua irmã mais velha, tua aliada, nesta tua aventura, que me parece uma loucura, não acha mamãe?

— Não sei filha! Estou tão confusa!

— Meu homenzinho, explica-me bem direitinho o que vais fazer lá no Brasil. Eu vou rememorar o que tu acabaste de falar. Segundo nos disseste, tu vais levar famílias alemãs inteiras daqui da Alemanha, para a selva brasileira e elas trabalhando vão construir uma colônia que mais tarde se transformará numa cidade, não foi assim que falaste?

— Foi exatamente assim, mamãe!

— E os animais, as feras, os perigos da selva, com índios e outros riscos enormes, não vão maltratar nossos patrícios?

— Não é assim também, mamãe! Fles terão como se defender de todos os riscos da selva, e os animais são poucos, não são como os africanos, são animais de pequeno porte: e os índios, não são como os comanches norte-americanos que atacam os colonizadores, são índios que só atacam quando molestados e serão, com o tempo, catequizados por especialistas neste assunto.

— Meus filhos não vão com você não, Blumenau!

— Mãe! Nós queremos ir com o tio, vamos falar hoje mesmo de noite com o pai e se ele deixar nós vamos, tio. — Era Reinhold o mais entusiasmado com a nova aventura do tio Blumenau.

— Não meu homenzinho, tudo isso me parece uma grande e louca aventura. Que Deus te ajude a pensar melhor e faça tu desistires desta empreitada temerária demais para uma criatura humana como tu, meu homenzinho. Que Deus nas alturas nos ajude! Não achas Emilie?

— Mamãe, eu conheço, como a senhora, muito bem Blumenau, e seu espírito aventureiro e irrequieto...

— Emilie! Tu estás exagerando, é de fato uma aventura, mas uma aventura calculada, pensada, medida e extremamente refletida onde todos os prós e contra foram e serão cada dia bem estudados e analisados para se revestirem da máxima segurança para meus colonos.

— Não adianta mamãe, ele já se compenetrou, já se encasqueitou que vai ser colonizador. Nem papai vai demovê-lo de seus propósitos, ele é teimoso, quando quer uma coisa quer mesmo e o fato é, que sempre consegue aquilo que quer, isso desde criança, mamãe. O

que nos resta é rezar por ele pra que tudo acabe bem e ele não fracas-
se em sua colonização. É isto mamãe, que nos resta fazer.

— É, Emilie, tu tens toda razão.

— Um dia ainda, num futuro talvez, bem longe, é verdade, vo-
cês duas e todos os meus, vão se orgulhar da obra que realizarei
lá no longínquo sertão brasileiro, onde vou encravar a mais extraor-
dinária obra de colonização e fazer surgir uma das mais lindas e prós-
peras cidades brasileiras, fruto e obra de verdadeiros alemães!

— Que Deus te ouça, meu homenzinho!

— É isto mãe! É isto mesmo que só nos resta pedir a Deus!

II

Naquela noite Reinhold e Vitor ficaram na porta de sua casa
esperando a chegada do pai. Tão logo ele despontou no virar da
esquina próxima os dois saíram numa disparada louca ao encontro
do pai. Cada um segurou, firme e nervosamente, o braco do magis-
trado que se assustou com o aperto forte dos garotos em seus bra-
ços e o falar apressado de seus filhos:

— Pai! Pai, nós vamos com o tio Blumenau para o Brasil! O
pai deixa pois não, paizinho?

— Blu...me...nau! Bra...sil! Mas, que loucura é esta, fi-
lhos?

— Tio Blumenau, pai, vai ser... ser, o que Reinhold? Explica
logo pro pai, Reinhold, explica, anda, não demora, Reinhold.

— Espera vamos entrar, sentar e depois do pai falar com a mãe,
Reinhold explicará para o pai, está bem?

Emilie veio ao encontro do marido e sentiu a aflicção de seus
filhos em conseguir o consentimento do pai para acompanharem tio
Blumenau na sua louca aventura colonizadora, segundo sua opinião.

Reinhold, o mais aflito, não completara ainda vinte anos e Vi-
tor tinha pouco mais de dezoito anos, tão jovens, pensava Emilie, tris-
te, vendo que seus filhos tinham o firme propósito de abandonar sua
companhia em troca das aventuras de seu tio, que tinha com sua con-
versa mansa e pausada dominado os rapazes, a ponto de quererem, fir-
memente, abandonar seu próprio lar, em troca da tentadora aventura
de seu irmão. Foi com este espírito de tristeza, e até magoada com
a separação de seus filhos que ela, como mãe extremosa, sentia des-
de já ser inevitável, pelo entusiasmo que dominava completamente os
dois mocos. Assim, com seus pensamentos bailando nos tumultuados
acontecimentos que Blumenau semeara em seu lar, calmo e quieto,
ela sentou-se à mesa para cearem e expôr, a pedido de seus filhos, to-
da conversa que ouvira há pouco, em casa de sua mãe, para seu ma-
rido que, pacientemente, esperava ouvi-la, para poder julgar os acon-
tecimentos que envolvia a todos naquela noite fria de janeiro de 1845.

Enquanto, pausadamente, Emilie ia falando e ao mesmo tem-
po servindo a ceia, Johann, tudo ouvia sem interrompê-la, de quando
em vez franzia a testa, mas, não aparteava, continuava sereno, ouvindo-a.

Os rapazes olhavam, curiosos e atentos, para as reações fisiológicas do pai, o silêncio dele os inquietava, mas Reinhold, sorriu levemente porque veio em seus pensamentos um ditado que seu pai por muitas vezes citava e ele achava interessante e nunca esquecera: "Quem cala consente".

Quando Emilie terminou, todos há muito já haviam ceado e aguardavam ainda sentados à mesa, então, ela perguntou ao esposo

— Que dizes de tudo isso Johann? Não é uma loucura de Blumenau?

— Não querida! Não acho assim, apenas, em tua exposição que seja uma loucura de teu irmão porque conheço teu irmão e bem sei o quanto é responsável e não iria levar famílias inteiras para tão longe e expô-las ao fracasso, não, jamais faria isso. Deve ter em mente de há muito, pensado maduramente sobre o assunto que, de fato, há muitos anos vem escrevendo e debatendo o caso da emigração alemã para o resto do mundo, tenho lido seus artigos e opúsculos e sentido que há muita verdade em tudo que escreve. Vamos ouvi-lo amanhã em casa de teus pais...

— Papai não vai concordar, eu tenho certeza.

— É possível que tenhas razão, mas vamos ouvir a defesa de Blumenau para depois julgarmos em definitivo, querida.

Reinhold não se conteve, depois de ter recebido por baixo da mesa muitas cutucadas de Vitor para que falasse, como mais velho:

— Quer dizer que o pai não se incomoda se nós acompanharmos tio Blumenau?

— Nós não! Um de cada vez poderá acompanhar o tio. Primeiro vai Reinhold que é o mais velho e depois irá, então, o Vitor.

Ambos não se contiveram de tanta alegria, levantaram-se rápidos e abraçaram e beijaram o pai por longo tempo.

— Por que vocês não beijam a mãezinha?

— Pai! Ela já chorou muito só pensando de nós querermos acompanhar tio Blumenau. Olha só, lá vem nova choradeira!

Emilie não se conteve, levantou-se chorando e foi para seu quarto.

— Filhos! Vão até lá em seu quarto e a tragam de volta acariciando-a muito para que ela volte a sorrir. Vão... logo... não gosto de ver tua mãe chorando, filhos!

III

No domingo, em Hasselfelde, apesar de muito frio, não nevara, e sol acolhedor resplandecia num céu lindo e azulado.

Blumenau à noite passada não conversara nada com o pai, apenas, sabiam até então de seus planos, sua mãe e Emilie. Naquela noite ele pouco dormiu, pensou muito e recapitulou todo seu plano, pormenorizadamente e cuidadosamente, para expô-lo com absoluta segurança e plena convicção a todos, especialmente seu velho pai. Bem sabia que era hábito na família ninguém interromper quando alguém expunha qualquer assunto, a não ser para alguma pergunta esclarece-

dora, portanto, ele poderia falar calma e serenamente, o que muito lhe agradava. Só conseguiu dormir quando devidamente preparado para o encontro que começaria logo após o almoço, já que era costume, os assuntos sérios serem tratados em torno da mesa depois de devidamente satisfeitos e durante o catezinho.

Os primeiros a chegar foram Agnes, a irmã mais moça de Blumenau e casada com o arquiteto distrital em Brunswick, depois Auguste, outra irmã que era casada com um sobrinho da mãe de Blumenau, e era magistrado-mor. Julios que era proprietário rural em Biesenrode e magistrado-mor em Nieppen, não havia tempo de ser chamado e, dificilmente, saía de sua propriedade em Nieppen. Karl, outro irmão de Blumenau, estava viajando.

Durante o almoço Blumenau contou sua viagem a Londres e depois Paris, conversou-se de tudo, até que servido o cafezinho o pai sério e compenetrado perguntou curioso:

— Agora Blumenau, o que tens a nos falar, estou com grande vontade de saber, filho!

Blumenau não se fez de rogado e calmamente começou a falar, expondo seus planos e suas intenções colonizadoras sem ser interrompido e no mais completo silêncio de todos que ouviram interessadíssimos.

Em certo trecho de sua longa exposição seu pai interrompeu para saber:

— Filho! Não compreendi como é que nossos patrícios serão deslocados de suas aldeias ou cidades alemãs, para um país estranho sem precisarem falar o idioma desse país?

— Eu vou lhe explicar como será o processo de minha colonização e porque não precisarão meus colonos saberem falar a língua do país que vão habitar.

A minha colônia será uma extensão em país estrangeiro, no meu caso, o Brasil, da própria Alemanha, com toda a sua tradição, costumes e culturas, é como se implantasse no interior do sertão brasileiro uma pequena Alemanha longe das metrópoles, aldeias e lugarejos brasileiros, de forma que meus colonos não sofram qualquer influência desses lugares e de seus moradores.

— Mas por esse isolamento social, meu filho?

— Porque meu pai, não é justo que se desloque famílias de nossas aldeias ou cidades para um país estranho, impondo tradições, costumes e culturas, completamente diferentes da que viviam até então, e o processo de adaptação moroso, complexo e difícil, redundaria em prejuízo da própria colonização, mesmo porque, nem todos absorveriam com facilidade e resultados compensadores para a comunidade colonial, as tradições, costumes e cultura brasileira, tendo como principal empecilho a difícil e complexa língua portuguesa que, eu próprio, custei muito a aprender e me adaptar ao seu linguajar.

— Mas aí está, tu aprendeste e por que não, teus colonos?

— Porque eu serei seu líder, o chefe, enfim, o responsável pela

colônia e precisarei manter contatos com políticos e autoridades brasileiras extra-colônia, e se fará necessário que o faça na língua portuguesa para melhores resultados e o melhor desempenho da minha liderança.

Conselho Municipal de Cultura elegeu nova diretoria para 83/84

O Conselho Municipal de Cultura elegeu, dia 22 de fevereiro, em sessão realizada às 17h 30min, a sua nova diretoria para o período de fevereiro de 1983 a fevereiro de 1984, indicando para a presidência a chapa única encabeçada pelo advogado e poeta Roberto Diniz Saut, em substituição ao promotor e escritor Dr. Enéas Athanázio, o primeiro presidente da entidade, que foi criada pela Lei Municipal 2.555, de 22 de maio de 1980.

A eleição, secreta, realizada durante sessão presidida pelo ex-presidente, Enéas Athanázio, indicou a seguinte diretoria: Advogado Roberto Diniz Saut, presidente; professor e biblioteconomista Bráulio Schloegel, vice-presidente e; professora e arquivista Sueli Vanzuita Petry, seretária. Foram mantidas as quatro câmaras: de Artes, Patrimônio, Letras e de Ciências.

O Conselho Municipal de Cultura de Blumenau compõe-se de 17 membros, nomeados por Decreto do Chefe do Executivo Municipal, que permanecerão na entidade por um período de dois anos, sendo que, anualmente é eleita nova diretoria. Todos os membros exercem suas funções gratuitamente.

Membros do Conselho

Os membros que compõem, atualmente, o Conselho Municipal de Cultura de Blumenau, que tem por objetivo evitar desencontros de área cultural do Município, fiscalizando, sugerindo e promovendo atividades culturais, são os seguintes: Frei Odorico Durieux, professor Gervásio Tessaleno, Luz, bailarina Úrsula Iônen, poeta Vilson Nascimento, advogado e poeta Roberto Saut, promotor e escritor Enéas Athanázio, professora e arquivista-pesquisadora Sueli Vanzuita Petry, professor Bráulio Schloegel, professora de teatro Edith Kormann, médico pesquisador Clothar Schröeter, profesor de sociologia Sálvio Alexandre Müller, jornalista Oldemar Olsen Junior, naturalista e professor Lauro Eduardo Bacca, médico-pesquisador Carlos Gofergê, pianista e professora Neide Coelho Pereira, artista plástico Guido Heuer e a arquiteta Sílvia Odebrecht.

VOCÊ SABIA — Que em 1883, dia 28 de julho, o Dr. Blumenau, um ano antes de mudar-se para a Alemanha, oficiou à Câmara de Vereadores, fazendo doação de diversos livros, mapas, assim como terrenos de sua propriedade ao município que ele mesmo fundara a 2 de setembro de 1850?

O escritor Valfrido Pilotto chega aos oitenta anos

Cercado do carinho e do calor da amizade de seus familiares e dos seus numerosos e incontáveis amigos e admiradores, viu chegar o dia em que era assinalada a passagem dos oitenta anos em que nasceu, dia 23 de abril, o aplaudido e admirado escritor paranaense Valfrido Pilotto.

Paranaense de nascimento — nascido em Dorizon a 23 de abril de 1903, Valfrido Pilotto tem marcado a trajetória de sua vida com trabalhos admiráveis nos diversos terrenos de suas atividades. Depois de formar-se em Direito Civil pela Universidade Federal do Paraná, Valfrido Pilotto ocupou, na vida pública, os cargos de Chefe de Polícia do Estado do Paraná, Delegado de Polícia de Curitiba, além de outros. Na vida literária, Valfrido Pilotto tem sido destaque nacional com as diversas obras editadas, entre as quais "Querência", "Universidade Federal do Paraná", "Humilde", "A Tragédia do Km 65", consagrando-se como um dos mais vigorosos autores do vizinho Estado, tendo mesmo sido cognominado de "o escritor de combate", pela firmeza de suas inclinações literárias e de pesquisador. Tanto assim que foi eleito membro da Academia Paranaense de Letras, à qual pertence há vários anos, assim como é membro do Centro de Letras do Paraná e do Instituto Histórico e Etnográfico paranaense.

Valfrido Pilotto é casado com dona Lúcia Moura Pilotto há quarenta e nove anos. Deste consórcio, tem uma filha e um neto.

Admirador incondicional de tudo o que de bom se apresenta no terreno da literatura e da história, ele tem dedicado grande parte de sua vida não só em produzir obras de grande valor como também de apoiar com entusiasmo a todos aqueles que procuram enveredar pelo difícil terreno das letras, o que lhe tem valido um atestado de sua formação altamente generosa e de fraternidade, grangeando com isto a maior estima e o respeito de todos os que têm tido a ventura de conhecê-lo.

"Blumenau em Cadernos" reconhece em Valfrido Pilotto, um dos mais dedicados amigos e colaboradores. Esta revista é recebida por ele lá em Curitiba e manuseada com todo carinho, assim como faz com que outras pessoas e amigos seus usufruam de seu uso para as pesquisas que quiserem fazer. É um propagador constante do nosso trabalho, um incentivador, vivendo as nossas emoções e a nossa alegria, assim como as nossas dificuldades conosco.

Daí a razão deste registro que com alegria o fazemos, para renovar, por este meio, a nossa imorredoura e incondicional estima e admiração a Valfrido Pilotto, com o desejo de que por muitos anos ainda Deus o conserve com vida e saúde.

VOCÊ SABIA — Que o Dr. Blumenau considerava o dia 28 de agosto de 1852 como o dia da fundação da Colônia de Blumenau, porque foi naquele dia que ele distribuiu os primeiros 10 lotes coloniais vendidos em hasta pública aos primeiros 10 colonos, na base de dez mil réis o lote?

— DIA 1º. — Na Igreja Matriz de São Paulo Apóstolo, realizou-se a solenidade da celebração da primeira missa dos novos sacerdotes Frei Gentil Fortunato M. Lima, da Ordem dos Carmelitas, e Frei Josué Chizoni - O.C. Frei Gentil é natural de Tubarão, nascido a 9 de janeiro de 1951, cuja família residia em Blumenau a partir de 1976. Frei Josué Chizoni é filho de Otaviano J. Chizoni e de dona Helena Chizoni nascido a 31 de agosto de 1953, em Urubici.

— DIA 6 — O Juiz da Vara Criminal da Comarca de Blumenau determinou a prisão do diretor da Bluval, Distribuidora de Títulos e Valores Imobiliários, por ter cometido crime de estelionato e ludibriado a boa fé de centenas de pessoas que aplicaram dinheiro naquela empresa que permaneceu em seguida sob intervenção do Banco Central.

— DIA 6 — Um quadro verdadeiramente desolador apresentou-se, neste dia, em várias cidades do Estado, inclusive Blumenau, como consequência das fortes chuvas que desabaram sobre regiões do Estado nos últimos dias.

— DA 10 — A Câmara Municipal de Vereadores de Blumenau, marcada por uma trajetória das mais dignificantes como exemplo de civismo e respeito às diretrizes democráticas, registrou o transcurso de seu centenário de atividades desde que foi criada, a 10 de janeiro de 1883. O acontecimento foi marcado com expressivas solenidades.

— DIA 13 — Em expressiva solenidade realizada na capital do Estado, o jornalista blumenauense Luiz Antônio Soares recebeu das mãos da Esso, Cel. Wandir Nogueira, o Prêmio Esso de jornalismo, cujo diploma representou o reconhecimento ao trabalho daquele colega, em defesa dos interesses da comunidade, no seu trabalho diário à frente do trabalho redacional do Jornal de Santa Catarina.

— DIA 20 — Assim como no resto do país, também em Blumenau a morte de Garrincha (Manoel Francisco dos Santos), o extraordinário bi-campeão mundial de futebol, causou grande impacto emocional. Garrincha faleceu no Rio de Janeiro, na Casa de Saúde Dr. Eiras, em Botafogo.

— DIA 22 — A imprensa noticiou neste dia que o município de Blumenau foi classificado em 26º. lugar como município mais desenvolvido do país. A informação foi divulgada na revista "Dirigente Municipal", edição de dezembro de 1982.

— DIA 22 — Neste dia foi sepultado o médico Dr. Afonso Balini, falecido no dia anterior. Deixou um grande acervo de serviços.

prestados à sua cidade (Blumenau em Cadernos, Janeiro, página 13).

— DIA 28 — Neste dia, o prefeito Dalto dos Reis reuniu a imprensa para anunciar a composição do seu secretariado e assessores. Eis como ficou a composição: Administração, Dalírio Beber; Obras e Serviços Urbanos, Valdir Falquetti; AEMA, Lauro Eduardo Bacca Jurídica, Renato Wolff; Finanças, Ilona Staudinger; Turismo, Antônio Pedro Nunes; Educação, Carlos Pisetta; Agricultura, Renato Beduschi; Saúde e Bem Estar Social, Sérgio Vicente Schaeffer; Gabinete, Mauro Dorigatti; Urbanizadora, Guelfo Roveri; Pranejamento, Olinto Silveira; Intendente de Distrito de Itoupava, Raul Arnold; SE-TERB, Luiz Procópio Gomes. O vice-prefeito Paulo Oscar Baier é o Coordenador dos órgãos vinculados.

— DIA 30 — Neste dia, assumiu as funções de Vigário da Paróquia de São Paulo Apóstolo, Frei Anselmo Brand. O ato solene foi presidido por Dom Gregório Warmeling, bispo diocesano. Frei Augusto Koenig, que ocupou aquelas funções durante 15 anos, fez as suas despedidas. Ocupará idênticas funções na Paróquia de Petrópolis.

FEVEREIRO de 1983.

— DIA 1º. — O prefeito eleito para a prefeitura de Blumenau, o advogado Dalto dos Reis, assumiu as rédeas do governo, prometendo uma administração justa e humana, visando sempre o bem-estar da coletividade blumenauense. O ato de posse foi prestigiado por grande número de cidadãos que lá foram levar a sua solidariedade com o desejo de que o jovem prefeito eleito pela legenda do PMDB, consiga atingir todos os seus objetivos.

— DIA 1º. — Assim como o Prefeito Dalto dos Reis, também os vereadores eleitos no dia 15 de novembro passado assumiram neste dia os seus respectivos cargos, num total de 21, sendo 12 do PMDB e 9 do PDS.

— DIA 2 — Segundo estatísticas divulgadas na imprensa local fornecidas pela Secretaria de Turismo, nada menos do que 22 mil pessoas hospedaram-se em Blumenau, nos diversos hotéis da rede, durante o mês de janeiro último.

— DIA 7 — A partir deste dia foi iniciada a reforma da primitiva estação de tratamento de água do SAMAE, a mais antiga existente, inaugurada que foi em 1943, quando prefeito o Dr. Afonso Rabe. A capacidade da referida estação, localizada no morro da Boa Vista, que era de 40 litros por segundo, deverá passar a produzir muito mais, o que representará uma valiosa contribuição ao sistema ora existente.

— DIA 18 — No Teatro Carlos Gomes foi promovida a soleni-

dade de abertura da Primeira Coletiva de Verão, com trabalhos de Wilson Andrade Silva, que completava 30 anos de pintura e de Diana Domingues, convidada especial.

— 21 — Ao início do ano letivo de 1983, nas redes municipal e estadual de ensino de Blumenau, registrou-se o número de 28 mil alunos matriculados nas diversas séries do ensino básico.

— DIA 22 — Na praça Dr. Blumenau foi aberta uma concorrida exposição feira de artesanato do país e que alcançou pleno êxito.

— DIA 22 — Em sessão realizada às 17,30 horas no Centro de Cultura, o Conselho Municipal de Cultura, órgão de assessoramento cultural do município de Blumenau, empossou sua nova diretoria para o período 83/84, tendo assumido a presidência o poeta e jornalista Roberto Diniz Saut, substituindo o primeiro presidente que foi o escritor Enéas Athanázio.

— DIA 22 — Empresários da rede hoteleira da cidade estiveram reunidos no Salão Nobre da Prefeitura, com o Prefeito Dalto dos Reis, numa reunião muito proveitosa que destacou-se pela troca de idéias e estabelecimento de uma política integrada a ser desenvolvida nesta área em 1983. A reunião contou ainda com a presença do Secretário de Turismo Antônio Pedro Nunes e assessores.

— DIA 22 — Cercado de grande carinho e amor de seus sete filhos, 34 netos, 41 bisnetos e 1 tataraneto, o casal Hermann — dona Therezia Baumgarten festejou a passagem dos seus 70 (setenta) anos de feliz consórcio. O acontecimento foi marcado com um culto festivo na igreja evangélica de Itoupava e uma agradável festa familiar após a cerimônia religiosa. Hermann Baumgarten está com 96 anos e sua esposa fez em fevereiro 92 anos. A comunidade blumenauense manifestou ao casal todas as honras que merece por ocasião do festivo acontecimento.

— DIA 25 — Depois de um dia de intenso calor, um dos mais fortes dos últimos anos e que em certos horários chegou a 41 graus, Blumenau teve, ao fim da tarde, a preocupação geral pelo grande temporal que em conseqüência desabou sobre a cidade e bairros, causando numerosos estragos como casas descobertas, queda de árvores, destruição de sinaleiras e placas de propaganda. Felizmente não houve vítimas.

MARÇO de 1983.

— DIA 3 — Transcorreu festivamente a passagem dos trinta anos de fundação da Escola Básica "Barão do Rio Branco", fundada e mantida pela Comunidade Evangélica de Blumenau e um dos estabelecimentos de ensino mais modernos e eficientes do nosso ensino básico.

— DIA 2 — A estatística levantada sobre o movimento de fevereiro acusou, na Biblioteca “Dr. Fritz Mueller”, o seguinte movimento: 426 empréstimos e 433 consultas, no acervo de 68.786 volumes. Por outro lado, foram registrados 84 novos volumes, além da doação de mais 331 obras. O maior índice de preferência dos leitores foi no setor de literatura, onde foram emprestados 296 livros.

— DIA 7 — A partir deste dia, esteve aberta, no Centro de Cultura de Blumenau, a exposição “O Amigo da Onça”, formada por 41 reproduções publicadas na Revista Cruzeiro e de autoria do desenhista Péricles.

— DIA 8 — A Secretaria de Agricultura apresentou ao prefeito Dalto dos Reis relatório sobre as atividades desenvolvidas no mês de fevereiro, no qual se destaca que 115 agricultores do município, em diversas regiões, foram beneficiados com os trabalhos da Patrulha Mecanizada formada por micro-tratores e tratores de esteira. Além disso, foram aplicadas 200 ampolas de inseminação artificial de diversas raças, tendo a feira livre comercializado 18 milhões de cruzeiros em frutas, verduras e legumes. O Horto florestal distribuiu 6.327 mudas de árvores destinadas aos agricultores para reflorestamento de áreas não aproveitáveis para a lavoura, assim como árvores ornamentais.

— DIA 10 — No anfiteatro da FURB, o prefeito Dalto dos Reis pronunciou palestra aos estudantes, com prolongado debate em torno de estudos para a solução do problema do desemprego em Blumenau, buscando minimizar o drama que se acentua cada vez mais.

— DIA 15 — Chegou a Blumenau o jornalista do semanário alemão “Der Horizont”, um dos mais importantes jornais de Berlim — RDA. O jornalista Stein foi recebido pelo Prefeito Dalto dos Reis, que lhe concedeu longa entrevista abordando assuntos da administração e tradições germânicas. Também visitou a FURB e o Pastor Gierich, da Igreja Evangélica.

— DIA 17 — Na Galeria Municipal de Artes, antigo prédio da Prefeitura, realizou-se a solenidade de abertura da exposição individual do pintor argentino Roberto Guedes, mostrando 36 peças, pintadas e desenhadas no ano passado.

— DIA 22 — Neste dia, registrando-se mais um aniversário de nascimento de Edith Gaertner, doadora de toda a propriedade em que se localiza hoje a Fundação “Casa Dr. Blumenau”, a direção daquela casa promoveu a homenagem habitual, colocando no pedestal do busto em homenagem a ela erigido no Parque Botânico, assim como no seu túmulo no Cemitério Evangélico, coroa de flores. O ato teve a participação de funcionários da instituição e pessoas outras que

lá foram prestar sua homenagem à criadora do hoje Cemitério de Gatos.

— DIA 24 — Neste dia, o prefeito Dalto dos Reis encaminhou à Câmara de Vereadores o projeto de lei que propôs a renovação de convênio com a Comunidade Kolping do Bairro Garcia, que tem por objetivo prestar recreio, lazer e assistência à classe menos favorecida através de orientação e formação profissional, além de amparo, hospedagem e assistência ao imigrante. Com essa medida, o atual prefeito cumpre parte do que se propôs fazer quando candidato: olhar com todo o carinho aos menos favorecidos, dando-lhe uma assistência justa e humana.

— DIA 31 — Promovida pelo Museu Municipal de Ecologia "Fritz Mueller", pela AEMA e ACAPREMA, foi prestada neste dia significativa homenagem à memória de Fritz Mueller (31/3/1822), por mais um aniversário de seu nascimento. Neste dia, foi depositada coroa de flores no seu túmulo, no Cemitério Evangélico e também na estátua à praça Fritz Mueller, rua São Paulo. Na oportunidade, fez uso da palavra o ecólogo Lauro Eduardo Bacca, Assessor de Ecologia da Prefeitura, relatando fatos interassantíssimos sobre a vida e a obra de Fritz Mueller. Numerosas pessoas, entre elas muitos descendentes diretos de Fritz Mueller, estiveram presentes às solenidades iniciadas às 16 horas.

VOCÊ SABIA — Que a primeira Estação de Tratamento de Água, que passou a abastecer a população urbana de Blumenau foi inaugurada no ano de 1943, mês de novembro e que foi idealizada pelo prefeito José Ferreira da Silva em 1941, fazendo um empréstimo de Cr\$ 3.500.000.00 à Caixa Econômica Federal? Que por ocasião da sua inauguração, em 1943, era prefeito o Dr. Afonso Rabe, que, na sua gestão, concluiu a obra? Que a capacidade inicial, de abastecimento, quando inaugurada a estação localizada à rua Lages, Morro da Boa Vista, era de 40 litros por segundo?

VOCÊ SABIA — Que o fundador da atual Companhia Jensen chamava-se Jens Jensen, transformando a firma em pioneira na introdução do gado leiteiro da raça holandesa na região do Vale do Itajaí? E que o sr. Jens Jensen faleceu aos 53 anos de idade no dia 23 de março de 1899?

VOCÊ SABIA — Que a Igreja Protestante de Pomerode foi inaugurada no dia 1º de Novembro de 1885 e que a construção se deveu à união de todos os membros da Comunidade Evangélica daquele lugar, que contribuíram com a importância (per capita) de vinte e quatro milréis? (24\$000). Que o sermão do dia foi pronunciado pelo então Pastor Licenciado Gustav Stutzer?

O RIO ITAJAÍ, BLUMENAU E AS ENCHENTES!

Lauro Eduardo Bacca.

(Apanhado da palestra proferida no I Encontro Nacional sobre Cheias, Enchentes e Inundações realizado em Blumenau, entre os dias 25 a 28/08/82).

Desde 1850 até nossos dias, existem registros de mais de 70 enchentes ocorridas no Vale do Itajaí, das quais, pelo menos 46 podem ser consideradas como de certa gravidade, causando grandes prejuízos à antiga Colonia e hoje cidade de Blumenau e muitos outros municípios do Vale.

Entre as enchentes de maior porte podemos constatar nestes 132 anos de história de Blumenau, que as mesmas não tem acontecido nos meses de janeiro, março e julho,(1) sendo que por outro lado, os meses com maior número registrado de enchentes tem sido setembro e outubro.

A ocorrência de enchentes, portanto, tem sido sem qualquer dúvida, o maior transtorno ao desenvolvimento da região. Paradoxalmente porém, tem-se a impressão de que a cada enchente que passa, o blumenauense logo recupera o ânimo e volta à luta, com forças redobradas, não sendo à toa que temos a fama de povo ordeiro e trabalhador. Conviver com enchentes tem sido parte da rotina do blumenauense desde sua fundação e parece que não será muito fácil nos livrarmos completamente do problema.

Não obstante este triste convívio, podemos observar que muitos erros continuam sendo cometidos ainda hoje, apesar de termos uma média de pelo menos uma enchente a cada dois anos. Por exemplo: Já em 18 de junho de 1.891, o jornal "Blumenauer Zeitung" alertava que "aqueles que construírem daqui por diante, escolham com cuidado o chão da casa...". Hoje, passados 91 anos desta advertência, verificamos facilmente que muitas residências e estabelecimentos comerciais, industriais e até de órgãos públicos, continuam a ser erigidos em locais não muito difíceis de serem atingidos pelas enchentes. A Prefeitura Municipal não permite construções abaixo da cota de 10 metros, porém achamos tal cota ainda um pouco arriscada. Talvez fosse melhor garantirmos-nos com a cota de 12 metros. Se o terreno estiver abaixo desta cota o proprietário deveria ser orientado e elevar o piso de sua casa ou construção até este nível, de formas que o que ficar embaixo (garagem, lavanderia, etc.) seja planejado de forma tal a não sofrer grandes estragos com as inundações.

A crença na segurança da cota dos 10 metros deve-se sem dúvida à confiança que tem sido depositada nas três grandes barragens de contenção das cheias no Vale do Itajaí. Porém, apesar de tudo e de todos, a terceira e principal delas, a de Ibirama, ainda não está

erigida. Nossa convicção porém é de que mesmo com as três barragens prontas, Blumenau e o Vale do Itajaí não se verá de todo livres das enchentes, principalmente se persistir a destruição indiscriminada de matas nas cabeceiras e nas encostas mais íngremes do Vale do Itajaí.

Para termos um idéia da importância das matas na retenção das águas pluviométricas que caem sobre uma área de quase 12.000 Km² de superfície predominantemente acidentada como o Vale do Itajaí, (acima de Blumenau) basta dizer que qualquer chuvinha da ordem de 10 milímetros, se fosse total e imediatamente escoada para o fundo do vale, provocaria um acúmulo de água com um volume na ordem de 20 metros de altura, 200 metros de largura e 30 (trinta) quilômetros de comprimento! Normalmente porém, o efeito de uma chuva dessas sobre o rio Itajaí é praticamente nulo, isto devido ao papel de "gigantesca esponja natural" exercido pelas matas e seus solos extremamente porosos, que absorvem esta água, impedindo seu imediato escoamento em direção aos rios — o que vai acontecer pouco, através das nascentes, d'onde parte da água das chuvas afloram, via lençóis freáticos. (Uma parcela significativa das águas das chuvas porém nem sequer vai parar nos rios — ela retorna a atmosfera através do fenômeno da evapotranspiração).

Imaginemos agora uma chuva da ordem de 100 milímetros, que, uniformemente distribuída pelo vale já seria suficiente para provocar uma grande cheia. Como no caso anterior, se o escoamento fosse total e imediato (por exemplo, se todo o vale estivesse coberto por um gigantesco plástico), teríamos acumulado no fundo do vale num dado momento um lago da ordem média de 40 metros de altura, 400 metros de largura e 75 quilômetros de comprimento !!!

Está claro que o desastre seria bem pior sem matas do que com matas. Porém a medida que aumentarmos a pluviosidade, vamos também verificar que o "efeito de esponja" da mata vai proporcionalmente diminuindo, muito embora sempre exerça seu importante papel. Se uma chuva de 100 milímetros já causa enchente no Vale do Itajaí não seria difícil imaginar o que pode nos acontecer se tivermos, em poucas horas, como aconteceu em Tubarão em 1974, uma precipitação da ordem de 700 milímetros! (isso mesmo: setecentos milímetros). Que Deus nos livre.

Segundo este raciocínio, podemos talvez encontrar uma explicação para as maiores enchentes já registradas em nossa História: a de 1880 com cerca de 16,80 metros em Blumenau e a de 1911 com cerca de 16,60 metros. Não temos dados pluviométricos, infelizmente. Porém, os relatos destas épocas nos dão alguns indícios do que pode ter acontecido. Jornais de 1880, compilados por José Ferreira da Silva nos falam de "6 dias consecutivos de chuvas copiosas" e os de 1911, de um mês de setembro "extremamente chuvoso, de chuva fina e persistente". Em outras palavras: foram tantas e tão intensas as chuvas que a "grande esponja natural" foi aos poucos saturando, até que chuvas mais fortes provocaram afinal as catástrofes já tão conhecidas de todos.

Poderia então surgir a pergunta: Então, para as grandes pluviosidades, e nada serviria a proteção das matas? Puro engano. Como dissemos, as matas realmente são importantes, e tão mais importantes quanto mais íngreme for o terreno onde tal mata se situa. No caso da catástrofe de Tubarão ha quem afirme que as águas teriam atingido um nível uns três metros abaixo, se houvesse efetiva preservação das matas nos locais mais íngremes.

Talvez seja mais fácil compreendermos o limite de influência das matas na minimização das enchentes se compararmos seu efeito de esponja com o efeito de retenção das barragens. Imaginemos que três dias seguidos de fortes chuvas sejam suficientes para encher as três barragens do Vale do Itajaí. A partir daí, se chover mais três dias, é enchente na certa, e tão mais catastrófica quanto mais intensa for a pluviosidade. Evidentemente que os milhões de metros cúbicos retidos nas barragens serão milhões de metros cúbicos a menos abaixo delas e isto sempre significará um certo nível de água mais baixo diminuindo os efeitos da calamidade. Agora, ficarmos livre de enchentes, isto virtualmente nunca ocorrerá.

Se observarmos com atenção porém os fatos, verificaremos que as piores cheias, as que mais causam perdas de vidas humanas principalmente, são as cheias rápidas e violentas, as enchurradas provocadas por fortes trombas d'água — JUSTAMENTE AS QUE SÃO RETIDAS PELAS MATAS NATURAIS COM SEU MARAVILHOSO EFEITO DE ESPONJA.

É inconcebível que órgãos como o DNOS estejam gastando vultosas somas em dinheiro nas barragens (Vale do Itajaí) ou em retificação de leito (caso de Tubarão) quando ao mesmo tempo pouco se faz para preservar e restaurar as matas ciliares e das encostas. Agora mesmo assistimos estarecidos à destruição, por exemplo da Serra do Itajaí, divisor das águas do Rio Itajaí — Açú e Itajaí — Mirim. O caso de Tubarão é didático: Mal a draga acaba de retificar, alargar e aprofundar o leito do rio Tubarão por alguns quilômetros, já no trecho inicial, o excesso de material, oriundo das encostas de morros desprotegidos, começa de novo a entulhar o canal, num círculo vicioso e de grande desperdício de dinheiro.

Como conclusões podemos afirmar que o ideal para o caso como o Vale do Itajaí será a integração de programas de barragens com a efetiva preservação das matas de encostas. Com isto teremos não apenas alívio substancial para a maior parte dos efeitos das cheias normais, como também uma melhor proteção do solo contra a erosão e a conservação dos preciosos e abundantes mananciais de água cristalina, que descem das nossas encostas aspectos infelizmente ainda pouco compreendidos pelos nossos governantes.

Com barragens e preservação de matas teremos MINIMIZADO substancialmente, porém não ELIMINADO de todo o problema das cheias. Elas continuarão a acontecer e a comunidade deve estar preparada para enfrentá-las a qualquer momento. Esquemas de Defesa Civil devem sempre estar em condições de pronta ação quando necessário e a população deve estar ciente, sem temor, de que tais fatos

podem ocorrer, passando a precaver-se de várias maneiras diferentes, como por exemplo: começando por não construírem sem as devidas precauções nas áreas mais críticas.

1) Até 1978 nunca havia ocorrido enchentes em Janeiro, março julho e dezembro. As três últimas cheias “derrubaram” esta estatística. Em dezembro de 78 e 80 ocorreram duas grandes cheias sendo que a de 1980 foi a segunda maior do século, com 12,85 m e em março de 1983 aconteceu uma cheia de proporções medianas, atingindo a cota 9.95 m.

No Museu uma telha fabricada há 122 anos

O Museu da Família Colonial acaba de ser enriquecido com mais uma preciosidade histórica. Trata-se de uma telha tipo colonial, a primeira produzida na olaria instalada na década de 1860, por Wilhelm Schreiber, imigrante que chegou ao Brasil no ano de 1951, estabelecendo-se em Blumenau. A partir de 1860, ele construiu sua olaria e no dia 18 de março de 1861, produziu a primeira fornada de telhas, sendo que a primeira a ser colocada no forno, foi a que hoje encontra-se no nosso Museu da Família Colonial, tendo o sr. Wilhelm Schreiber escrito, sobre a argila ainda mole: “W.S. 400 — 18/3/1861”. As telhas produzidas, a partir dali, pelo sr. Wilhelm Schreiber, serviram inclusive para a cobertura da Igreja Evangélica de Blumenau. Esta valiosa peça acaba de ser doada pelo bisneto do sr. Wilhelm Schreiber, o blumenauense Leopoldo Wachholz, ex-proprietário da Fiambreria Globo, nesta cidade, pessoa vastamente conhecida e estimada nos círculos sociais e comerciais da cidade.

A telha pode ser apreciada pelos que visitarem o Museu, a partir do dia 1º de maio e, como já frisamos, veio enriquecer o acervo histórico do Museu da Família Colonial, pertencente à Fundação “Casa Dr. Blumenau”. Somos gratos pela gentileza da oferta.

VOCÊ SABIA — Que a atual Igreja Matriz de São Paulo Apóstolo, de Gaspar, foi inaugurada no dia 28 de junho de 1855, um belo domingo de inverno? Que o ato mais solene foi a entrega, pela comunidade, ao Revmo. Padre Matz, da chave da Igreja, tendo o mesmo, a seguir, proferido veemente oração alusiva ao acontecimento?

Cartas à Fundação "Casa Dr. Blumenau"

A direção executiva da Fundação "Casa Dr. Blumenau" recebeu, durante o corrente mês de abril, correspondência que bastante afirma sobre o conceito da nossa instituição lá fora como órgão de pesquisa, de informações e de divulgação histórica e cultural. A primeira carta, chega-nos do Palácio das Artes, da Fundação Clóvis Salgado, em Belo Horizonte, solicitando informações sobre as atividades desta Fundação, ao mesmo tempo em que fornece relação das atividades exercidas em Belo Horizonte, propondo finalmente, um vasto intercâmbio cultural e de informações. A nossa primeira providência foi registrar uma assinatura de "Blumenau em Cadernos" para aquela instituição e agradecer o seu interesse no intercâmbio que será de grande valor para as duas instituições. A segunda carta, foi escrita por Mrs. Harvey H. Mann, de Tyler, Texas, Estados Unidos, pedindo-nos informações, através do seguinte texto, endereçado através do sr. Prefeito Municipal: "Eu tenho obtido conhecimento da cidade de Blumenau, quando estive estudando um mapa do Brasil. E então me perguntei se esta cidade teria sido fundada por alguma família da Alemanha chamada Blumenau; ou alguma pessoa com esse sobrenome. Meu Avô chamou-se Blumenau. Ele era nascido na cidade de Düsseldorf, na Alemanha. Eu pergunto se algum dos Blumenau que teriam fundado a cidade, poderiam ser familiares de meu avô e inclusive poderiam existir descendentes deles. Estando muito interessada na genealogia da minha família, apreciaria muito receber a sua resposta com a história de Blumenau. Muito obrigada, sinceramente sua Bridget Mann". N.R. — Todos os detalhes solicitados estão sendo fornecidos pela Fundação "Casa Dr. Blumenau".

A terceira carta, nos foi enviada pelo estudante Luiz Roberto de Assis, de São Paulo, o qual solicita também informações sobre os primeiros imigrantes alemães vindo ao Vale do Itajaí. O pedido dele foi inspirado na leitura do "Guia Internacional das Artes" edição de 1982, da Léo Cristiano Editorial Ltda., do Rio de Janeiro, sendo informado de que Blumenau mantém vivas as raízes germânicas. Seu pedido também será atendido.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

"O PEÃO NEGRO"

"O Peão Negro", livro de estréia do escritor catarinense (Campos Novos) Enéas Athanázio, está completando dez anos de lançamento. Para comemorar o evento Athanázio, em maio próximo, lançará dois novos livros: "Tapete Verde", contos, publicação da Editora do Escritor — SP, e "Figuras e Lugares" (ensaios, reportagens e reminiscências) publicado pela Fundação Casa Dr. Blumenau. Convém ressaltar que das nove obras publicadas por este autor, "Figuras e Lugares" é o primeiro livro impresso em Santa Catarina.

A seguir publicamos o prefácio do livro "O Peão Negro" (Editora do Escritor — SP — 1973) de autoria do crítico e escritor catarinense Péricles Prado:

ENÉAS ATHANÁZIO

NOVO ESCRITOR DOS CAMPOS GERAIS

O crítico Nereu Corrêa, há vinte anos, no livro intitulado "Temas de nosso tempo", em excelente ensaio versando o **back-ground** das letras catarinenses caracterizou como áreas culturais, — (após analisar os três fatores externos que, no seu entender, demonstram ser apenas aparente e não orgânica a falta de capacidade criadora nos intelectuais) —, a região serrana, o interior da zona litorânea e o litoral propriamente dito, significativas e reveladoras da ausência de um caráter dominante na paisagem social do Estado.

Sitou, com propriedade, que a primeira dessas regiões denota um tipo de cultura pastoril como traço marcante, incorporando costumes idênticos aos do Pão de Açúcar do Sul e possuindo o mesmo vocabulário crioulo gaúcho, todavia menos rico.

Feita a anotação registra ter sido **Tito Carvalho** (autor de "Bulha d'Arroio" e "Vida Salobra") quem, na realidade, aproveitou o material folclórico do planalto catarinense, expressando séria tentativa no sentido de fixar os costumes e a vida do caboclo serrano. Tito Carvalho, àquela época, era o único escritor indicativo da assinalada região.

Mais tarde o crítico Celestino Sachet, no estudo "Literatura", inserto no terceiro volume da "História de Santa Catarina" (Grafipar, 1970), enfatizou esse aspecto ao se referir a ilhas constatáveis dentro dos limites políticos do Estado, para, em seguida, admitir a existência de um arquipélago cultural bastante definido. Que "ilhas" seriam?: a

da planície litorânea; a das serras; a dos campos gerais, cortadas por um vale; o vale do Itajai e, no extremo sudoeste, a da Serra Geral.

As áreas culturais arroladas por Nereu Corrêa repercutiram na ocorrência de outras, mais distintas, em termos literários, com o aparecimento de novos escritores. Daí por que Celestino Sachet, de forma correta, ressaltou a presença do novelista **Guido Wilmar Sassi** (autor de "Geração do Deserto" e "São Miguel"), ao lado de Tito Carvalho, como representativa da região dos campos.

Agora, já passado relativo tempo, surge um terceiro escritor, **Enéas Athanázio**, estreando com um livro de narrativas denominado "O Peão Negro". Os escritores, em que pesem as afinidades ambientais, têm personalidades próprias, cada qual utilizando-se de uma forma pessoal de expressão.

Não cabe, aqui, fazer comparações estilísticas, mas apenas indicar o surgimento de mais um representante da ficção dos campos gerais.

O interessante da apresentação está voltado para Enéas Athanázio, que, apesar do imenso trabalho desenvolvido como Promotor Público, dedica-se à literatura com expressiva satisfação vital.

"O Peão Negro" não sofre a eiva do regionalismo pelo regionalismo. O autor não se limita a relacionar, no corpo das narrativas, as conhecidas ou desconhecidas expressões lingüísticas da região em que são "tramadas".

A descrição da paisagem não é falsa, sequer se constitui em mera reportagem do meio ambiente, ou, ainda, simples dado de natureza antropogeográfica.

As situações que envolvem os personagens não são "construídas" (trama é outra coisa) à base de pretensos apontamentos sociológicos, como, às vezes, têm ocorrido. Tais impurezas, felizmente!, não se encontram no livro. Soube o autor ser literário sem cair no sociologismo.

Para ser mais claro: o texto poderá servir de arrimo para o exame da ambiência social (com todas as implicações e processos), mas nasceu isento desse objetivo, abstraindo todo tipo espúrio de intenções.

A temática em torno de uma pequena cidade (fictícia?), **São Simão**, foi filtrada por um arguto observador; um contador de histórias, estreante, porém de muito talento. Que a política da roça, as corridas de cavalos, os crimes, os temores religiosos, as conversas típicas, o êxodo resultante de um fato inusitado, o coronelismo, a palavra empenhada, enfim a vida do interior com todas as suas gamas, provoquem um raro prazer nos leitores sensíveis.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf - advogado*; vice-presidente — *Rolf Ehlke - Industrial*.

Membros: *Elimar Baumgarten, advogado; Honorato Tomelim, jornalista; Ingo Fischer, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; Altair Carlos Pimpão, jornalista; professor Antônio Boing Neto; Arno Letzow, comerciante; Beno Frederico Weiers, advogado; Heinz Hartmann, repres. comercial; Prof. Olívo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

120 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering

